

## A TRADUÇÃO DE OBRAS FRANCESAS NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

*Teresa Dias Carneiro*

Professora do Curso de Formação  
de Tradutores (PUC-Rio)

teresadc@terra.com.br

*RESUMO: Neste texto, faz-se um retrospecto, desde o final do século XIX, da tradução de obras francesas no Brasil, até meados do século XX. Ressaltam-se o papel dos tradutores-autores, como Monteiro Lobato, e sua concepção de tradução literária, assim como o papel das grandes editoras, como a Globo e a José Olympio, na melhoria da qualidade das traduções. São mencionados dois grandes projetos editoriais: a tradução para o português de A comédia humana, de Balzac, e Em busca do tempo perdido, de Proust. Por fim, aborda-se a questão da diminuição do número de traduções de obras francesas no Brasil a partir de meados do século XX.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução, literatura francesa, Brasil, editoras, tradutores.

*RÉSUMÉ: Dans ce texte, une vue rétrospective est faite, depuis la fin du XIX<sup>e</sup> siècle de la traduction d'oeuvres françaises au Brésil jusqu'à la moitié du XX<sup>e</sup> siècle. Il est rehaussé le rôle des traducteurs-auteurs, comme Monteiro Lobato, et leur conception de traduction littéraire; ainsi que le rôle des grandes maisons d'édition, comme Editora Globo et José Olympio, au perfectionnement de la qualité des traductions. Deux grands projets éditoriaux sont mentionnés: la traduction au portugais de La comédie humaine, de Balzac, et de À la recherche du temps perdu, de Proust. À la fin, il est discuté la diminution du nombre des traductions d'oeuvres françaises au Brésil depuis la seconde moitié du XX<sup>e</sup> siècle.*

**MOTS-CLÉS:** Traduction, littérature française, Brésil, maisons d'édition, traducteurs.

Antes de discorrer sobre a tradução de obras francesas no Brasil na primeira metade do século XX, é preciso retroceder um pouco mais no tempo, para entender o panorama das traduções e do mercado editorial no Brasil no final do século XIX. A criação da Imprensa Régia pela Carta Régia de 13 de maio de 1808, após a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, encerrou a proibição – de três séculos – de se imprimir livros no Brasil. Essa liberdade, no entanto,

não teve grande impacto na publicação de livros no Brasil por duas razões: (1) tratava-se de uma liberdade vigiada pelos censores, uma situação que durou mais treze anos; (2) era uma questão econômica. O papel, todo ele importado, chegava ao Brasil com preço alto devido aos impostos de importação. Essa dificuldade, na verdade, estimulou a indústria editorial e a atividade tradutória em Londres e, mais tarde, em Paris, esta última mais duradoura, avançando pelo século XIX e entrando pelo século XX.

Após a abolição da censura prévia em 1821, as tipografias, as livrarias e os tradutores se multiplicaram no Brasil. Na primeira metade do século XIX, os livreiros franceses Pierre Plancher (1824), Bossange e Aillaud, representados por Souza Laemmert (1827), Louis Mongie (1832), os irmãos Firmin Didot, Garnier Frères (1844) e B. L. Garnier (1844) se instalaram no Rio de Janeiro (WYLER, 2003, p. 84). Tais livreiros atuavam também como editores e foram responsáveis pela maior parte das traduções produzidas na época, por grandes nomes como Caetano Lopes de Moura, José Alves Coaracy, Paula Brito, Manoel Caetano Vellozo, Manuel Rodrigues de Oliveira, Belarmino de Mattos e Nísia Floresta, que, além de obras literárias, também traduziram peças de teatro e obras técnicas.

De 1860 a 1890, Garnier pôs em prática um amplo programa de traduções impressas na França, a preço mais baixo do que o livro nacional, cujo tempo de transporte até o Brasil foi muito reduzido pelo advento do navio a vapor. Nesse cenário, a

tradução de obras francesas prosperou, principalmente, em dois gêneros: no romance-folhetim e no teatro. É interessante notar que o veículo utilizado por esses dois gêneros não era o livro impresso – o veículo dos folhetins era o jornal, enquanto o teatro, que era traduzido para ser encenado, exigia apenas uma tradução escrita à mão ou datilografada.

Essa situação perdurou até a virada do século, quando outros fatores passaram a estimular a produção editorial nacional. O fato de a Primeira Guerra Mundial aumentar o risco das importações por via marítima estimulou a indústria livreira nacional e a produção de papel no Brasil. Com o término da guerra, os livreiros voltaram a importar livros, situação esta que só mudou em caráter mais definitivo em 1930, com o advento da Era Vargas. O presidente Getúlio Vargas liderou uma revolução nacionalista que almejava substituir importações, estimular a indústria nacional, aprovar novas leis trabalhistas, educacionais e eleitorais, promulgando uma nova Constituição que desse respaldo a esse programa.

Parte importante do ideário estadonovista incluía a expansão da mão-de-obra qualificada, aumentava o índice de alfabetização dos brasileiros e ampliava a publicação local de livros, incluindo a tradução de obras inéditas, a reedição de obras esgotadas e a criação de bibliotecas públicas. Com esses objetivos, foi criado em 1937 o Instituto Nacional do Livro, que subsidiaria apenas traduções consideradas de interesse nacional. As demais traduções passariam ao controle do Serviço de Divulgação da Chefatura de Polícia. A censura que

isso representava levou os editores a concentrar suas atenções na publicação de livros técnicos, didáticos e infantis.

O mercado de tradução na Era Vargas assume duas feições importantes para o estudo das relações França-Brasil. Em primeiro lugar, marca o começo do declínio das traduções francesas, em prol de uma maior influência das traduções de originais em língua inglesa. Em segundo lugar, os tradutores de obras francesas, quase todos poetas políglotas e diletantes, do início do século cedem lugar aos tradutores-autores, que exerceram um papel importante não só na criação e na reprodução dos padrões lingüísticos, como também na formação do cânone nacional de obras traduzidas. Isso foi de tal forma decisivo que podemos dizer, sem exageros, que todos os grandes nomes da literatura nacional da primeira metade do século XX exerceram o ofício de tradutor, com maior ou menor empenho, dependendo do caso. O tradutor-autor mais compulsivo foi sem dúvida Monteiro Lobato, cuja concepção de tradução era absolutamente avançada para a época e mesmo para hoje. Ele transformava, mudava e adaptava os originais a seu bel-prazer e até mesmo punha na boca de seus personagens críticas ao governo brasileiro.

No que concerne às traduções francesas, duas editoras foram de vital importância na primeira metade do século XX: a Globo e a José Olympio. Como a maioria dos tradutores-autores conhecia muito mais o francês, grande parte das traduções do inglês e do russo da época passou por tradução indireta intermediada pelo francês. A

qualidade de tais traduções até hoje não foi devidamente avaliada; há críticas esparsas à sua fidelidade e até mesmo suspeitas de que muitas não eram feitas pelos autores que as assinavam, mas por *ghost translators* por eles contratados.

A Editora Globo, na década de 1940, viveu sua época de ouro, sob a direção de Henrique Bertaso e Érico Veríssimo, quando empreendeu um projeto inédito de contratação – em regime permanente e com salário fixo – de nomes de projeção nacional para atuar como tradutores, sem horário nem prazos fixos. A sala dos tradutores dispunha de máquinas de escrever, de material e de rica biblioteca de consulta. Além da garantia de trabalho, os tradutores tinham a oportunidade de tirar dúvidas com os colegas e de discutir com eles suas opções de tradução.

Apesar de a maioria das traduções ser de originais em inglês, influência indubitável de Veríssimo, grande amante das literaturas inglesa e americana, dois projetos de maior fôlego envolvendo traduções de autores franceses entraram para a história: a *Comédia humana*, de Balzac, e *Em busca do tempo perdido*, de Proust.

A *Comédia humana* foi editada em dezoito volumes, cada um de quinhentas a seiscentas páginas e com um prefácio de um crítico contemporâneo de Balzac, como Taine, Saint-Beuve, Brunetière, Thibaudet, entre outros. O trabalho de coordenação geral e direção editorial da equipe de tradutores da obra ficou a cargo de Paulo Rónai, trabalho este muito elogiado na época e até hoje, razão pela qual essa edição é ainda reimpressa até

os dias atuais. Todo o processo editorial foi empreendido com tal zelo que a edição crítica de Balzac é considerada a melhor publicada no exterior.

Empreendimento de fôlego semelhante foi a tradução de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, em sete volumes, traduzidos por autores eminentes como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana e Lúcia Miguel-Pereira, na década de 1950.

Com esses projetos e com a contratação de tradutores de renome em tempo integral, a Editora Globo inaugurou, junto com outras editoras, especialmente a José Olympio, a “época de ouro da tradução do Brasil”, segundo Paulo Rónai (apud HALLEWELL, 2005, p. 403). O nome do tradutor passou a ser citado na página de rosto, prática pouco comum na época, o que contribuiu para o aumento de sua responsabilidade, em razão da exposição pública. Além disso, todas as traduções passavam por uma revisão em dois estágios: primeiro um cotejo com o original e depois uma revisão gramatical e tipográfica. Essa prática de revisão em dois estágios é de uso corrente ainda hoje no mercado editorial, mas na época era uma prática inédita. Num terceiro estágio, as modificações eram discutidas entre o revisor e o tradutor, para que chegassem a um consenso. Infelizmente, o custo de um trabalho tão completo e esmerado era alto demais, e a editora entrou em declínio na década de 1950, com a virada econômica do fim da Segunda Guerra. A Editora Globo, no entanto, ficou para a história como a principal responsável pela melhoria da qualidade geral das traduções no Brasil.

O aumento da proporção de livros traduzidos em relação à publicação de escritores brasileiros na José Olympio também ocorreu da década de 1940, com ênfase maior nas traduções da língua inglesa, que tradicionalmente eram em número muito inferior às de língua francesa. Esse trabalho de tradução da década de 1940 foi feito por escritores bem conhecidos ou por outros que se tornaram famosos mais tarde. É o caso de Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Vinícius de Moraes, José Lins do Rego, Lúcia Miguel-Pereira, Guilherme de Almeida e Rubem Braga. A José Olympio, assim como a Globo, contratava escritores profissionais, proporcionando-lhes uma renda suplementar. Em contrapartida, exigia-se que os textos estivessem bem escritos, pois o tradutor tinha de zelar por sua reputação como escritor. Esses tradutores-autores, contudo, não ficaram livres de críticas, principalmente as desfechadas por Mário de Andrade em sua coluna no *Diário de Notícias*. Segundo ele, as traduções não continham erros de gramática, “mas daí a afirmar que estejam em língua portuguesa vai um mundo. Estão numa linguagem amorfa, morna e insossa, destituída de qualquer naturalidade” (ANDRADE apud WYLER, 2003, p. 123).

O aumento do número de traduções da década de 1940 se deveu a várias razões: a guerra deslocara a atenção do público de sua preocupação com os acontecimentos nacionais, característica dos anos 1930; as dificuldades de transporte marítimo durante a guerra estimularam as editoras a publicar versões para o português de obras que

normalmente seriam importadas em suas edições originais; a repressão do Estado Novo censurava a publicação de muitos autores nacionais considerados subversivos, como Jorge Amado. O maior interesse por obras traduzidas do inglês, no final da segunda metade do século XX, pode ser atribuído em grande parte a uma mudança no eixo de influência cultural, da França para os Estados Unidos, que se consolidou nessa época, mas que já vinha se anunciando desde o início do século. Aliada a isso, uma questão idiossincrática: os dois editores responsáveis pela seleção de obras a serem traduzidas nas duas maiores editoras brasileiras – Érico Veríssimo, na Editora Globo, e Vera Pacheco Jordão, na José Olympio – eram fãs das literaturas americana e inglesa. A tradução de literatura francesa no Brasil entra em decadência a partir dessa época, decadência esta que perdurará por toda a segunda metade do século XX. A tradução de livros técnicos e científicos da língua inglesa também passa a prevalecer, deixando a tradução do francês mais circunscrita às ciências humanas e sociais – filosofia e psicanálise, sobretudo. Um aumento do número de títulos franceses traduzidos no Brasil só vai aumentar no final do século XX: 356, em 1996, em contraposição a 241, em 1993, segundo dados da Fundação João Pinheiro. A língua francesa hoje é a segunda língua mais traduzida no Brasil, depois do inglês e antes do espanhol, do italiano e do alemão. Ela só respondia, no entanto, por 9% do total em 1996. A tiragem média de um título francês foi também nesse ano inferior à dos livros de origem anglo-saxônica: cerca de 2,5 mil

exemplares em contraposição a 4 mil (ROSSIGNOL, 1998, p. 9). Ainda hoje, a literatura e as ciências humanas e sociais são o carro-chefe das traduções do francês.

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Vida literária*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1993.

HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005.

ROSSIGNOL, Gilles. Les Échanges franco-brésiliens. *La Lettre: Lettre D'information Mensuelle de France Édition, Spécial Salon du Livre*, mars 1998.

WYLER, Lia. *A tradução no Brasil: ofício invisível de incorporar o outro*. 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

\_\_\_\_\_. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.